

De olho em 2002

Se Lula não vencer Fernando Henrique Cardoso nestas eleições, Cristovam Buarque é o nome mais cotado para liderar a frente das oposições em 2002 na disputa presidencial. "É um nome que une as esquerdas", argumenta o presidente regional do PT, deputado Chico Vigilante. De olho no cenário local, Vigilante explica que a candidatura de Cristovam no próximo milênio vai depender da manutenção do petista no comando do Palácio do Buriti.

O nome de Cristovam chegou a ser cogitado para enfrentar os planos de reeleição no ninho tucano, mas a decisão de Lula em tentar mais uma campanha foi um balde de água fria na proposta. Cristovam enfrenta, ainda, muitas resistências internas no PT. Não é considerado um petista orgânico (de carteirinha), não esconde a simpatia que tem pelo PDT de Leonel Brizola e tem visão administrativa que frequentemente se choca com o que pensa os trabalhadores organizados.

À frente do GDF, por exemplo, Cristovam Buarque tem se deparando com sérios problemas com os sindicalistas. Greves, brigas judiciais, troca-troca de acusações que quase levaram o governador a abandonar o projeto do PT de reelegê-lo. A preocupação de Cristovam com os excluídos (sem-teto, sem-emprego, sem-renda,...) chega a irritar alguns sindicatos.

Pernambucano, 50 anos, Cristovam começou a viver política muito cedo. Seus pais (a mãe foi operária e o pai caixeiro-viajante) foram militantes da esquerda em Recife. Ainda rapaz, Cristovam foi líder estudantil e militante da Ação Popular e da Ação Católica Operária. Ameaçado pela polícia política, fugiu do País no início da década 70, regressando nove anos depois.

Sua filiação ao PT aconteceu somente em 1989, já em Brasília. Cristovam Buarque acabava de deixar a reitoria da Universidade de Brasília (UnB), onde foi o primeiro reitor escolhido pelo voto direto de professores, funcionários e alunos.

Em 90, seu nome chegou a ser cogitado para disputar as eleições com Joaquim Roriz, mas por conta de uma briga interna no partido — que exigiu até intervenção da direção nacional — o médico Saraiva acabou sendo lançado. Na época, ele e Orlando Cariello (hoje no PSTU) eram os principais nomes do PT para a

campanha.

Também em 1990, quando integrou o Governo Paralelo montado por Lula, Cristovam já defendia a idéia que toda a criança deveria estar em sala de aula. Na campanha presidencial de 94, participou da equipe que elaborou o programa de Lula. Pela primeira vez, apresentou o programa Bolsa-Escola. "Mas eles não aceitaram a minha proposta", lembra o governador.

Mas se Lula não quis, Cristovam Buarque foi eleito em 1994 governador do Distrito Federal, tendo a Bolsa-Escola como bandeira de campanha. O candidato petista surpreendeu Brasília, ao derrotar o petebista Valmir Campello, apoiado pelo então governador Joaquim Roriz. No início da campanha, tinha apenas 3% da preferência do eleitorado. Ganhou as eleições no segundo turno com 53,9% dos votos.

Com a vitória, novos problemas vieram. A inexperience administrativa levou o governador a cometer muitos erros. "Na montagem da minha equipe, errei em colocar os melhores quadros nas secretarias. Os administradores regionais eram mais importantes. São eles que fazem o contato com o povo", avalia hoje. Errou também, conforme ele mesmo se culpa, por dar abonos e gratificações a professores e médicos. "Eles não reconhecem isso", lamenta.

Eleito por uma composição de vários partidos (teve até o apoio do PSDB no segundo turno), Cristovam também enfrentou problemas com seus aliados. O PT queria os melhores cargos, os aliados não aceitavam a hegemonia petista. Um ano depois de assumir o comando do Palácio do Buriti, demitiu-se coordenador de campanha, secretário de Governo, Hélio Doyle. Além das brigas com os aliados, Cristovam ficou refém da disputa interna do partido.

Afastados os "focos" de problemas, Buarque começou a governar. Hoje, as pesquisas apontam um percentual menor de rejeição. O governador, entretanto, ainda enfrenta problemas internos. Para disputar a reeleição, teve que derrotar o senador Lauro Campos numa prévia realizada pelo PT/DF. No mês passado, ameaçou desistir da candidatura por causa da greve dos professores. "Se os professores não votarem em mim, quem vai votar?", questionava o governador, que foi convencido pelos aliados a permanecer na disputa. (M.E.)